PODERIA A TEORIA LACANIANA DA PULSÃO FAZER AVANÇAR A PESQUISA SOBRE O AUTISMO? *

Marie-Christine Laznik **

Introdução

Observa-se frequentemente que a difusão da obra de Lacan no estrangeiro, principalmente nos países anglo-saxônicos, mas também em alguns outros países europeus, ocorre de preferência através do meio literário. Os meios médicos, principalmente hospitalares-universitários, têm pouco ou nenhum contato com sua obra (1). É neste contexto que a situação

atual na pesquisa sobre o autismo merece ser apreciada.

Em pedopsiquiatria, a pesquisa hospitalar européia de ponta, vem sendo atualmente atravessada por um mesmo ímpeto: o de encontrar meios de diagnosticar doenças graves - sobretudo o autismo - antes que o quadro nosográfico se instale. Tal ímpeto é certamente louvável, quando sabemos que provavelmente há uma "psicossomática" do autismo (2), isto é, que o não uso psíquico do aparelho neuronal vai conseguir lesá-lo. A hipótese, mais ou menos implícita, que sustenta esta investida em direção ao precocíssimo, é que haveriam meios de recolocar em funçionamento estruturas em vias de constituição (3). O que quer dizer que, diante desta patologia, luta-se contra o relógio.

O que, contudo, é notável, é a constância com a qual todos os modelos psicanalíticos de compreensão do funcionamento psíquico do bebê foram abandonados, em proveito sistemático dos modelos cognitivistas. Não somente por parte dos grandes professores - o que estaria de acordo com os modismos atuais - mas mesmo por parte de clínicos-pesquisadores que, em

outros momentos do dia, são praticantes da psicanálise.

A clínica dos distúrbios precoces, como o autismo, foi muito o apanágio da escola anglo-saxônica, representada principalmente por F. Tustin e D. Meltzer. Eles propõem modelos, com imagens cativantes, permitindo que seus alunos se sustentem nos tratamentos com crianças autistas. Uma parte das pesquisas atuais concerne ao deciframento dos "filmes familiares" destas crianças, quando eram ainda bebês (4). A questão sendo saber se teria sido possível, a partir dos dizeres ou modos de relações

com seus pais, identificar sinais precursores da patologia a surgir. Porém, acontece que estes mesmos alunos anglo-saxônicos não encontram, em seus autores psicanalíticos, instrumentos que lhes permitam ler estes filmes (5). Para decifrá-los, eles são então forçados a recorrer a modelos não analíticos. O problema, contudo, é que mesmo o modelo cognitivista (6), bastante operante para dar conta da clínica das crianças em torno de 18 meses, quando se trata do lactente o é menos. Na clínica do pré-especular, os processos de cognição são muito mais balbuciantes.

Ora, verifica-se possível utilizar instrumentos da metapsicologia de Lacan para ler o que entra em jogo nestes tempos primeiros. Estes instrumentos parecem permitir uma leitura dos primeiros fracassos estruturais, de modo claro e mais precocemente do que aqueles atualmente disponíveis. Pesquisas já em curso devem responder pelo valor dito "científico" destes instrumentos, nos anos vindouros. Se elas se revelarem positivas, uma homenagem suplementar e bem apoiada deverá ser prestada à clarividência e ao rigor da obra de Lacan, capaz de responder a estes novos desafios clínicos.

1. Um projeto de pesquisa baseado nos conceitos lacanianos (7)

A hipótese, na qual culminou um trabalho clínico-teórico bastante longo, é a seguinte: a patologia autística primária numa criança seria a consequência da não instauração do "circuito pulsional completo", devido à

ausência de seu terceiro tempo.

É o tempo em que o futuro sujeito - o bebê, no caso - faz-se objeto de um outro sujeito (8). Antes mesmo de explicitar cada um destes termos, vemos de saída que o laço com o outro (e com o Outro) é central aqui. Ora, há consenso, atualmente, para dizer que o autismo é uma patologia do laço com o outro, qualquer que seja o modelo etiológico ao qual nos referirmos: psicanalítico, cognitivo ou biológico.

Apenas Lacan pôs este terceiro tempo em relevo. Só se pode conceber a hipótese enunciada, pois, no só-depois do trabalho de Lacan sobre a teoria da pulsão, tal qual se acha em seu Seminário XI: Os quatro conceitos

fundamentais da Psicanálise.

Antes mesmo de expor o que temos que chamar legitimamente de uma teoria lacaniana da pulsão, sobre a qual toda esta construção repousa, vejamos em quê esta hipótese, certamente audaciosa, é inovadora e como - se for comprovada pelos dados da pesquisa - ela poderá ter consequências interessantes em Saúde Pública.

Primeiramente, mesmo sendo metapsicológica, ela não toma partido por uma determinada etiologia. O debate entre partidários da pura psicogênese contra os da organogênese, mostrou-se muito esterilizante. Quaisquer que sejam as causas, o autismo é um defeito no estabelecimento deste laço pulsional com o Outro, sem o qual nenhum sujeito pode surgir. O papel clínico da análise será, então, tentar recolocar em funcionamento este laço (9).

Em seguida, verifica-se que este terceiro tempo do circuito pulsional se traduz por fatos de observação clínica que podem, portanto, ser ensinados aos médicos da primeira infância (10). Não se trata de simples sinais, mas de elementos clínicos que fazem parte de um conjunto metapsicológico coerente, relacionado com as condições de constituição de todo sujeito humano, ao qual o clínico pode ser introduzido.

Mesmo que o apresentemos aos médicos da primeira infância, não podemos abordar, aqui, o conjunto da metapsicologia lacaniana sobre a constituição do sujeito. Limitemo-nos ao que permitiu apoiar a hipótese especificamente em causa no aparecimento da patologia autística: o fracasso do circuito pulsional em três tempos.

A relação entre o lactente e o Outro vai se constituir em três registros: as pulsões invocante (12), escópica e oral. Mas, em primeiro lugar, o que se deve entender por pulsão?

2. Uma teoria lacaniana da pulsão

No Seminário XI: Os quatro conceitos fundamentais da Psicanálise, Lacan (1964) faz uma longa retomada do texto de Freud de 1915, As pulsões e seus destinos. Trata-se de uma releitura da primeira teoria das pulsões à luz da segunda.

Lacan não apenas retorna de modo esclarecedor um certo número de proposições já implícitas na obra de Freud, mas também opera sobre certos pontos uma ultrapassagem, instaurando novos avanços quanto à pulsão (13).

Vamos primeiramente lembrar os pontos em que Lacan se faz leitor de Freud e esclarece o texto com um tal rigor que a leitura que ele disto faz é agora admitida por inúmeros analistas na França, mesmo entre aqueles que nada devem ao seu ensino.

3. Separar pulsão e necessidade

Em 1915, Freud acaba de criar seu conceito de pulsão: ele mesmo diz que ele terá que sofrer modificações. Seria ele o representante psíquico das excitações provenientes do interior do corpo? Compreende-se agora porque ele dá como exemplo a fome e a sede. Lacan vai ter a audácia de mostrar que se tratam de tergiversações, mas que o fio que conduz Freud a forjar este conceito é outro.

Lacan interroga: "Ora, o de que se trata, no que concerne a pulsão, será do registro do orgânico?"(p. 154) (14). "Temos, para explicitá-lo, a noção de necessidade, tal como ela se manifesta no organismo, em níveis diversos e primeiro no nível da fome, da sede". (...) "Muito bem!, que seja dito que, desde as primeiras linhas, Freud coloca, da maneira mais formal, que não se trata absolutamente, no Trieb, da pressão de uma necessidade, tal como Hunger, a fome, ou Durst, a sede". (...) Para examinar o que é do Trieb, refere-se Freud a algo cuja instância se exerce no nível do organismo em sua totalidade?(...) É o vivo que está interessado aqui? Não"(p. 156).

Se citamos tão longamente a demarcação que Lacan opera aqui, é porque não tem somente um interesse puramente conceitual. Há consequências na clínica. É esta demarcação que permite utilizar o conceito de "fracasso da instauração do circuito pulsional" em casos como o autismo, sem que se possa retorquir que, já que há vida, manutenção da vida, é porque há pulsão em funcionamento (15).

Lacan vai examinar, com o mesmo rigor, os quatro componentes da pulsão: o impulso, o objetivo, o objeto e a causa.

O que caracteriza o impulso é ser uma força constante. "A constância do impulso proibe qualquer assimilação da pulsão a uma função biológica, a qual tem sempre um ritmo. (...) "a pulsão não tem subida nem descida. É uma força constante" (p. 157). São pontos de referência desta ordem que permitem a um médico da primeira infância imaginar que nem tudo vai necessariamente bem num lactente, mesmo se suas funções biológicas são ritmadas como convém.

O objetivo é atingir a satisfação pulsional, que consiste no fecho de

um circuito em três tempos. Trata-se, para a pulsão, de cumprir um certo percurso. É este percurso que interessa Lacan na noção de satisfação, que ele lfaz questão, aí ainda, de separar radicalmente de toda satisfação de uma

necessidade orgânica.

Falando do objeto, Lacan, novamente, distingue a necessidade da satisfação pulsional: "nenhum objeto de nenhum Not, necessidade, pode satisfazer a pulsão". (...) "essa boca que se abre no registro da pulsão - não é pelo alimento que ela se satisfaz" (p. 159) (16). Lacan introduz sua noção de objeto a, objeto causa do desejo. A lista habitual de Freud: seio, fezes, ele acrescenta o olhar e a voz. Estes dois últimos objetos são centrais na clínica do lactente, a pulsão anal não o concernindo ainda. Quanto ao seio, ele permanece muito contaminado por seu valor de objeto da satisfação da necessidade alimentar e veremos o quanto a satisfação da pulsão oral é de um outro registro: ela também consiste no fecho de um percurso em três tempos.

Para o que se refere à fonte, ele lembra que as zonas erógenas não são quaiquer parte do corpo, "só são reconhecidas nesses pontos que se diferenciam para nós por sua estrutura de borda". E ele precisa: "se fala da boca, e não do esôfago, ou do estômago" (p. 160). Isto assume toda sua importância clínica quando nos lembramos até que ponto, nas crianças autistas, certas zonas não fazem borda - lábios que deixam escorrer a saliva, esfincteres que não o são. Isto por falta de serem zonas de investimento

erógeno, isto é, por falta de serem tomadas num circuito pulsional.

O que Lacan sublinha a propósito dos quatro elementos da montagem pulsional está já mais ou menos implícito no texto de Freud. Contudo, este júltimo se encontrava num momento de pesquisa, de descoberta, o que permite entender as contradições e retrocessos de seu texto. Através de sua leitura, Lacan veio colocar aí uma ordem incontestável, fazendo do conceito de pulsão um instrumento rigoroso no manejo da clínica do precoce.

Lacan vai reservar o termo pulsão unicamente para as pulsões sexuais parciais e vai dirigir tudo o que concerne à conservação do indivíduo - o que Freud chamou de "Ich Triebe", as pulsões do eu - para um registro diferente, ao qual será preciso dar um outro nome. Todo o registro da necessidade cai,

porisso, fora do campo pulsional (17).

Vimos que a satisfação da pulsão nada mais é que a realização de um trajeto em forma de circuito, que vem se fechar em seu ponto de partida. Foi trabalhando no detalhe deste trajeto pulsional em três tempos, descrito por Freud, que Lacan introduziu o que me parece o mais interessante e o mais

inaudível dos elementos de sua concepção da pulsão: o surgimento do sujeito da pulsão. Lacan, tendo chegado aí provavelmente por sua experiência clínica - mas principalmente pela lógica interna de seu propósito -, força num certo sentido o texto freudiano, forçamento este que é, por sua vez, lacaniano e extremamente promissor como instrumento de trabalho para uma clínica como a do autismo.

4. O surgimento de um novo sujeito

Freud diz que há três tempos na pulsão e que no terceiro aparece um novo sujeito (18). Lacan acrescenta: "Esse sujeito, que é propriamente o outro, aparece no que a pulsão pôde fechar seu curso circular. É somente com sua aparição no nível do outro que pode ser realizado o que é da função da pulsão" (p. 169).

Este sujeito (19), que surge no momento do fecho pulsional, pareceme ter permanecido inaudível no meio lacaniano, assim como, ao mesmo

tempo, uma grande parte da teoria lacaniana da pulsão. -

Destes três tempos, Freud diz que o primeiro é ativo: o lactente (no caso que nos interessa) vai em direção a um objeto externo - o seio, ou a mamadeira. O segundo é reflexivo: ele toma como objeto uma parte do corpo próprio - a chupeta ou o dedo. No terceiro, que Freud qualifica de "passivo", é quando o lactente se faz, por sua vez, objeto de um outro, este famoso novo

sujeito - a mãe, por exemplo.

Uma criança aufista nos permite captar a tradução clínica deste terceiro tempo do circuito pulsional oral. Ela circundava sistematicamente, fascinada, uma publicidade de fraldas de bebê, onde se via este último fazendo-se "comer" o pé por uma mãe cujo rosto resplandecia de alegria. Esta propaganda representava este terceiro tempo da pulsão oral: o fazer-se papar (20). Várias coisas aí são dignas de nota. Em primeiro lugar, a clarividência dos meios publicitários: este bebê não era passivo na situação, ele a tinha com toda evidência suscitado, indo ele mesmo procurar se fazer papar o pezinho. Este aspecto, eminentemente ativo, do terceiro tempo do circuito pulsional, já tinha sido sublinhado por Lacan, que o chamou não de "tempo passivo", como Freud, mas de tempo do "se fazer". Esta nuança é de suma importância no plano clínico. Se o bebê da publicidade, como muitos outros a nossa volta, toma seu pé fazendo-se comer, este não é o caso dos lactentes que se tomaram autistas, que conhecemos através dos filmes familiares. Eles não "se fazem"

nem papar, nem olhar, nem ouvir. Acontece, às vezes, que uma destas mãe tente entrar em contato com seu bebê, beijando-o na barriguinha nua, por exemplo. A excitação é totalmente percebida e, durante um instante, o lactente não pode evitar o contato, até mesmo o olhar de sua mãe. Mas esta ação materna, que ele não suscitou, é vivida como uma intrusão intolerável, contra a qual, nos instantes seguintes, ele só se fechará ainda mais. Em compensação, determinado lactente sem problemas, posto nu em seu trocador, incha sua barriga, agita-se, objeto oferecido na antecipação da volúpia oral de sua mãe. Ele espreitará então, atento, a alegria se inscrever no rosto e no olhar de sua mãe, para quem ele é bom para beliscar, e que o gratificará com um "meu docinho do côco" ou alguma outra metáfora açucarada. É justamente este gozo que ele veio aí fisgar n Ela.

É de experiência comum que uma mãe - corretamente marcada pela castração - ao mesmo tempo em que experimenta este gozo de papar seu bebê, assim oferecido, colocará um termo nisto em nome de princípios terceiros, dizendo-lhe, por exemplo, que ele não deve se excitar demais. Este gozo, experimentado pela mãe, só pode portanto ser fálico e, nesta condição, interdito ao exjerto mãe. Deixo aí, voluntariamente de lado, o caso das mães para as quais tratar-se-ia de um gozo outro (21), não marcado pelo interdito. Elas podem, talvez, tornar seu filho psicótico, mas seguramente não autista. Este terceiro tempo do circuito pulsional, este momento em que ele vai se fazer objeto de um novo sujeito, o futuro autista não o conhece. Será que ele não o suscita? Será que a mãe é incapaz de responder a isto? Seja como for, o resultado é o mesmo. O circuito pulsional não se fecha:

Mas qual é a relação entre este gozo do outro e a pulsão? Lacan diz que o assujeitamento do Eu (Je) a um pequeno outro tem por objetivo fisgar seu gozo, e é isto que faz deste pequeno outro o "sujeito da pulsão". Mais tarde, tendo se tornado sujeito adulto, nosso ex-lactente "se aperceberá de que seu desejo é apenas vão contorno da pesca, do fisgamento do gozo do outro" (p. 174). Mas, neste momento constitutivo de sua subjetivação, ao fisgar o gozo deste outro, ele poderá atingir a dimensão do Outro, não qualquer uma: do Outro real (p. 178), campo ao qual ele virá se assujeitar. E Lacan conclui todo este assunto dizendo: "O que é que esse breve sobrevôo nos revela? (...) a pulsão, invaginando-se através da zona erógena, está encarregada de ir buscar algo que, de cada vez, responde no Outro?" (p. 185).

Poderíamos dizer então que, através de sua teoria das pulsões, Lacan

propõe duplicar a questão do surgimento do sujeito (do inconsciente, sujeito da subjetivação) ao campo do Outro, em seu laço com o significante, com o surgimento do sujeito num laço de assujeitamento ao Outro real, que aí aparece em sua dimensão ao mesmo tempo de pequeno outro e de Outro duplicação necessária para que se possa falar de seu desejo ou de seu gozo (22).

Esta duplicação não é tão surpreendente: desde o Seminário sobre As Formações do Inconsciente - a propósito da terceira pessoa do dito espirituoso, aquela que escuta e interage - Lacan tinha introduzido a noção de um Outro real corporificado na figura de um outro do entorno (23).

Mas, como a ausência deste terceiro tempo ocasionaria os danos que conhecemos no autismo?

5. O projeto de Freud reatualizado por Lacan

Foi Lacan quem tirou o Projeto (24) do ostracismo no qual o próprio Freud o mergulhara. Este último temia ter proposto aí uma psicologia biologizante demais, orientada para localizações cerebrais. Entretanto, as idéias expressas neste manuscrito eram muito avançadas para seu tempo. Sem sabê-lo, Freud aí fazia a hipótese das barreiras sinápticas, que não tinham ainda sido descobertas; e das redes de neurônios - modelo que, matematizado, devia permitir, meio século mais tarde, importantes avanços em inteligência artificial. Era na cibernética que todos estes resultados iriam ser explorados. Nos anos 50, Lacan era um dos raros psiquiatras ao corrente destas pesquisas, Lévy-Strauss tendo participado pessoalmente dos segundos encontros de cibernética (25). Portanto, é com conhecimento de causa que Lacan resgata o Projeto do esquecimento e dele faz uma leitura que abandona toda deriva biologizante (26). Cruzando este texto com o texto sobre a pulsão, encontramos um instrumento precioso para perceber as instaurações primeiras do aparelho psíquico e os fracassos próprios do autismo

Eis a resposta que este cruzamento de texto autoriza: quando o terceiro tempo do circuito pulsional ocorre, algo da representação do desejo (Wunshvorstellung) vai se inscrever no pólo alucinatório da satisfação primária. Haverá um vestígio não só das características deste próximo compassivo - que é o Outro (Nebenmensch) - mas ainda algo do gozo deste Outro (27). Quando o bebê se reencontrar sozinho com seu mamilo e sonhar,

algum investimento será enviado para o pólo de satisfação e a representação do desejo vai se reatualizar. É o que Freud diz no Projeto. Para retomar a pulsão oral que acabamos de descrever, poderíamos dizer que, na experiência alucinatória de satisfação, o bebê reencontraria o riso de prazer de sua mãe. A partir daí, quando o segundo tempo do circuito pulsional retornar, ele será verdadeiramente auto-erótico, pois, desde que se tenha passado pelo terceiro tempo, haverá eros no segundo.

Lacan resume assim o papel humanizador da experiência alucinatória de satisfação: "Se não há algo que a criança alucine, enquanto sistema de referência, nenhum mundo da percepção chega a se ordenar, a se constituir de modo humano, este mundo da percepção nos sendo dado como dependendo, como referência a esta alucinação fundamental sem a qual não

haveria nenhuma atenção disponível" (28).

Este circuito pulsional é também o circuito de todas as Gedanken inconscientes, do sistema do pensar inconsciente; e é sobre isto, sobre esta passagem pelo pólo alucinatório de satisfação que vai se constituir a possibilidade das representações inconscientes. É mesmo sua condição sine qua non. Se isto fracassar, se este terceiro tempo não for atingido, se o circuito se bloquear entre o primeiro e o segundo tempo, então nada garante que o auto-erotismo não seja desprovido da marca do laço com o Outro, que é eros. Ora, se retirarmos eros, auto-erotismo se lê: autismo. Nada então garante que o pólo alucinatório de satisfação esteja no circuito e que, portanto, todo o sistema das representações, do pensamento inconsciente, possa se constituir, pois estão ausentes: metáfora, metonímia, processos de condensação e de deslocamento. Nada de surpreendente no fato de que encontremos, na sequência, déficits cognitivos.

6. Uma leitura lacaniana de uma pesquisa em psicolingüística

As pesquisas atuais em psicolingüística vão neste mesmo sentido, sem o saber. A psicolingüística é este ramo de pesquisa que só começou a ser conhecido após a morte de Lacan em 1982. Eles têm agora 25 anos de trabalhos atrás deles. Em uma de suas primeiras pesquisas, Fernald, um dos fundadores, constatou nos lactentes uma apetência oral exacerbada por uma forma particular de fala materna, que foi chamada de "motherease" (mamanhês). Este "motherease" apresenta uma série de características específicas no nível da gramática, da pontuação, da escansão e uma prosódia

particular. O autor se interessou primeiramente pelas características prosódicas do "motherease", e sobre o efeito que ele produz na apetência oral do lactente. Trabalhando numa maternidade com bebês entre um e três dias de vida (29), o que ele descobriu? Descobriu que um lactente de somente um dia - portanto, antes mesmo da subida do leite -, que não fez ainda a experiência da satisfação alimentar, torna-se muito atento ao escutar a voz de sua mãe dirigida a ele, e se põe a sugar intensamente a mamadeira. Esta é dita "não nutritiva", pois não solta nada: ela apenas grava a intensidade das sucções. Enquanto psicanalistas, como ler estes dados? O interesse pulsional suscitado nele se traduz por intensas sucções: é a tradução oral de toda experiência de interesse num lactente. Não há aqui o objeto de satisfação da necessidade. Vemos bem aí a diferença radical entre o objeto causa de desejo - o da pulsão - e o objeto de satisfação da necessidade. O lactente, entusiasmado por algo neste "mamanhês", chupa freneticamente sua mamadeira, mesmo se este "mamanhês" foi gravado num gravador. Contudo, Fernald descobriu que se ele gravasse a fala da mãe para o bebê, sem a presença do mesmo, o resultado obtido era diferente. Não se reencontrava mais picos prosódicos tão marcados e o bebê, então, mostrava menos interesse pela gravação. O que indica que a mãe também não consegue falar em "mamanhês" na ausência do lactente. E se uma mãe se dirige a um outro adulto, os picos prosódicos tornam-se então ainda mais fracos e a apetência do bebê se apaga. Fernald tentou descobrir se havia uma situação onde um adulto, falando com um outro adulto, produziria estes mesmos picos prosódicos específicos do "motherease" (mamanhês). Sim, mas para obtêlos, era necessária uma situação, em suma bastante rara, onde se apresentaria uma estupefação, um espanto e, ao mesmo tempo, um grande prazer, uma alegria. Então, estupefação e prazer conjugados produzem este gênero de pico prosódico. Fernald não tira daí nenhuma conclusão.

Lacan, em seu seminário sobre As formações do inconsciente (1957), trabalha a questão da terceira pessoa, tal qual Freud a descreveu em O chiste e suas relações com o inconsciente. Fora disto, graças à prática analítica com crianças autistas, pôde-se observar que o terceiro tempo do circuito pulsional, o momento onde o gozo do Outro (e do outro) (30) é enganchado, corresponde ao que Lacan retoma a propósito desta terceira pessoa (31). Ele diz que esta, ao ouvir "uma formação de palavra defeituosa como uma coisa ininteligível, incompreensível, enigmática", longe de rejeitá-la como não pertencente do código, após um tempo de estupefação, deixa-se levar pela

iluminação e aí reconhece um dito espirituoso. É justamente sobre esta terceira pessoa - que após um tempo de estupefação se deixa iluminar de prazer - que Lacan apóia seu conceito de grande Outro barrado. Este Outro não é então inabalável, ele tem uma falta (32). E o segundo momento é aquele do riso. Toda a segunda parte do livro de Freud é sobre este riso, que é prazer, gozo. Não se trata aqui de prazer no sentido do princípio do prazer, que é principalmente um princípio de não desprazer. Com a estupefação e o riso do Outro barrado, estamos no terceiro tempo do circuito pulsional. Estupefação e alegria são também as características da prosódia do "motherease" (mamanhês), da qual o lactente é tão ávido. O que nos ensina a pesquisa de Fernald? Ela nos diz que, desde o nascimento, e antes de qualquer experiência de satisfação alimentar, o lactente tem uma apetência extraordinária para o gozo que a visão de sua presença desencadeia no Outro materno (33).

7. A articulação entre pulsão escópica e pulsão invocante no lactente

Lembremo-nos do papel do estádio do espelho: este momento onde o bebê, em torno dos seis meses de idade, sorri para sua própria imagem refletida e busca, no rosto do pai ou da mãe que o carrega, a validação do que el e vê no espelho. O momento jubilatório que se segue é essencial; podemos, aí, estar certos de que o estádio do espelho está instaurado, o que é muito importante para a constituição da imagem do corpo, para a unidade corporal e para a possibilidade de uma relação com os pequenos semelhantes. Ora, nos bebês futuros autistas, ele não vai se constituir (34). O que é que precederia e tornaria possível a constituição deste estádio? Pensamos que ele não se constitui a não ser que tenha havido, previamente, esta experiência de uma prosódia na voz de sua mãe - ou de outro alguém importante do entorno - que tenha permitido ao lactente identificar sua presença como sendo o objeto causa de um gozo deste Outro barrado (isto é, marcado por uma falta).

Não que o bebê seja já um sujeito constituído capaz de representar as coisas assim para si, mas, assim como ele respondia com uma grande avidez oral a esta prosódia materna, ele não poderá se impedir de estabelecer com ela um circuito pulsional escópico. O rosto que corresponde a esta voz particular será ativamente procurado por ele. E ele procurará, de acréscimo, fazer-se objeto de seu olhar, onde lerá não seu estado de desamparo de lactente, mas o investimento do qual ele é o objeto idealizado. Com efeito, aquela (ou

aquele) que tem lugar para o lactente de Outro Primordial o vê já sujeito (35), aureolado pelo valor fálico que seu próprio olhar lhe atribui.

Isto não ocorre entre o bebê que se tornará autista e sua mãe. Mas este sinal clírico da ausência de olhar não é suficiente para concluir sobre um risco de autismo, pois pode se tratar de uma defesa primária, às vezes completamente adequada. Por exemplo, diante de uma mãe melancólica, é preferível para o bebê fugir de um olhar materno que não exprime nada mais que sua própria depressão. A questão é saber se vai haver aí alguém que possa ocupar, para o bebê, este lugar de Outro primordial.

O que se passa no registro do olhar ocorre também no registro acústico. Quando uma mãe fala com seu lactente, ele pode emitir um som qualquer. Este som também, a mãe o investe falicamente, ela ouve bem além do pequeno ruído; ela o traduz, ele se torna, por exemplo, um vocativo: "Mamãe!" (36). Ela lhe responde então "Sim, meu bebê, eu te amo". E assim por diante. E quando o marido chega, ela lhe diz "nós batemos papo a manhã inteira".

Esta loucura das mães é indispensável para que um dia o sujeito da fala se constitua. É preciso que alguém seja capaz desta ilusão antecipadora diante do bebê: escutá-lo em sua potencialidade de sujeito de uma fala, bem antes que esta última apareça. Os psicolingüistas falam de protoconversação (37) para descrever estes turnos de fala durante os quais a mãe ocupa, turno a turno, o lugar do bebê - quando ela traduz o som que ele produziu - e o seu próprio, quando ela lhe responde.

É provável que o termo dos lingüistas "protoconversação" não corresponda ao que está em jogo neste momento. Parece que o lactente é muito mais apreciador da prosódia - portadora de seu valor de sujeito aos olhos daquele ou daquela que se dirige a ele - que das representações de palavras que a acompanham. O que nos ensina isto é uma leitura atenta dos filmes familiares de lactentes que se tornaram autistas. Se, nas experiências da vida comum, há uma ausência sistemática de olhar da parte deles, de interesse pelo discurso materno que comenta as atividades, se nada indica que eles se façam objeto de uma pulsão materna qualquer, eles podem, às vezes, responder durante certas invocações maternas (38). Como se o apelo da pulsão invocante fosse irresistível. Estas respostas são como gotas d'água num oceano de indiferença, mas suscitam muitas questões que nos puseram novamente ao trabalho. É muito provável que seja ainda na obra de Lacan que encontremos os instrumentos necessários para preparar este trabalho.

*Texto publicado em francês na revista La Célibataire, Ed. Edk. 2000.

** Marie-Christine Laznik é psicanalista em Paris, é membro da Association Freudienne Internationale. É autora do livro Rumo à palavra, três crianças autistas em psicanálise (Ed. Escuta); organizadora e co-autora de O que a clínica do autismo pode ensinar aos psicanalistas (Ed. Ágalma).

Tradução: Leda Mariza Fischer Bernardino.

Notas

(1) Devo aqui prestar homenagem à exceção que constitui a Ecole de Saint Anne em seu trabalho de formação de psiquiatras vindos de diversos países do mundo.

(2) Expressão proposta por Jean Bergès.

(3) O que supõe que este primeiro fracasso ocorreria antes da constituição de uma estrutura determinada.

(4) Estes filmes foram feitos por pais que desejavam guardar um registro dos primeiros meses de vida de seu bebê, não imaginando, então, que seu filho apresentaria uma patologia qualquer.

(5) A razão não me parece ser imputável unicamente à dimensão imaginária dos modelos kleinianos, mas também à ênfase dada às fantasias intrapsíquicas, mesmo no lactente.

(6) Trata-se de um setor bastante particular do cognitivismo, que se ocupa de patologia.

(7) Esta pesquisa é conduzida pela Association Préaut.

(8) Pequeno outro que vai ocupar o lugar de Outro primordial para ele.

(9) Mesmo se amanhã fatores de susceptibilidades genéticas pudessem ser encontrados, isto não mudaria em nada o papel do analista em seu trabalho de (re)instauração deste laco.

(10) Nesta pesquisa, a formação dos médicos visa, essencialmente, a evitar

seus efeitos iatrogênicos.

(11) Dispomos de três dias completos para este trabalho.

) (12) Acrescentada por Lacan.

(13) Avanços novos em relação ao texto freudiano e em relação ao ponto mesmo em que Lacan tinha deixado a questão antes em seu seminário sobre A ética.

(14) A página corresponde à Edition du Seuil deste Seminário. (A autora faz esta indicação, mas utilizamos a tradução feita pela Editora Jorge Zahar do Seminário, portanto, as páginas citadas referem-se à edição em português -N. da T).

(15) Demarcação que só existe na psicanálise francesa; seu desconhecimento poderia explicar a vacilação dos autores dos países anglo-saxônicos sobre o interesse maior do conceito de pulsão na clínica das patologias precoces.

(16) Lacan mesmo não teve o prazer de tirar as consequências desta asserção,

que implica uma revisão completa da teoria anaclítica.

(17) A pulsão não é, portanto, um conceito-dobradiça entre o biológico e o psíquico, mas um conceito que articula o significante e o corpo, o que não é o organismo.

(18) Não é o "sujeito do inconsciente", conceito forjado por Lacan.

(19) Lacan atribui-lhe o caráter de primeiro a surgir, pois antes de seu fecho, a pulsão se manifesta sob o modo de um sujeito acéfalo" (p.).

(20) O que dará o "se fazer chupar", na vida erótica adulta.

(21) Devemos ainda a Lacan o conceito de gozo e a identificação de suas variantes.

(22) O que corresponde à disposição em dois andares do grafo do desejo: embaixo, à direita, o Outro, lugar do tesouro dos significantes; no alto, à esquerda, o significante do gozo do Outro - S(A) barrado.

(23) Ele fala novamente disto no seminário sobre a angústia.

(24) O manuscrito do Projeto para uma psicologia científica nunca foi publicado com Freud em vida.

(25) Ver Cherif Idrissi el Ganouni: "L'affaire Sokal", in: Les mathématiques

impertinentes de Lacan, Cahier de l'AFI, 1998.

(26) Entre outros, no Seminário da Ética (1960) e no dos Ouatro conceitos (1964).

(27) Lacan chama isto de coordenadas de prazer do Nebenmensch.

(28) A Ética, p. 66.

(29) Esta pesquisa foi retomada em diversos países e os dados confirmados.

(30) Pois para o bebê é preciso que este Outro se presentifique sob a forma de um outro em carne e osso.

(31) Ver, a propósito disto: M.C. Laznik-Penot: Rumo à palavra, três

crianças autistas em psicanálise. São Paulo: Escuta, 1997, p.

(32) LACAN, J. O Seminário: Livro 5: As formações do inconsciente. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999, cap. Ie II.

(33) Seguindo o grafo do desejo, lemos que o impulso que anima o lactente passa por S(A) barrado, que Lacan escreve gozo do Outro.

(34) Ele poderá se instaurar quando de um tratamento psicoterapêutico.

(35) "Ela faz a hipótese de um sujeito nele", dizem Balbo e Bergès.

(36) Uma mãe mais extrovertida poderá mesmo ouvir aí um "minha mamãe querida!".

(37) Que eles situam entre 8 e 12 semanas.

(38) Com a condição de que estas não venham pontuar as atividades de maternagem.

O DESEJO DE FILHO NO HOMEM E NA MULHER *

Nicole Stryckman **

Vou tentar falar do desejo de filho no homem, na mulher e para o casal. Vou centralizar a minha abordagem no que diz respeito à mulher e daqui a pouco direi porquê.

O ponto de vista do qual parto para falar, é um ponto de vista de psicanalista, então não é de modo algum o ponto de vista do discurso utilizado normalmente. Não é o discurso da razão, nem do sentido, mas sim aquele que parte de pensamentos e sentimentos que são mais ou menos estranhos em nós, que às vezes preferiríamos não conhecer, até mesmo rejeitá-los e ridicularizá-los. O ponto de vista do qual parto é aquele que Freud definiu como inconsciente e que Lacan disse que é estruturado como uma linguagem e não como a linguagem. Todos já encontraram um dia uma criança deprimida ou que produz um sintoma, apesar de esta criança ter tudo para ser feliz. Claro que nós encontramos razões muito boas para explicar ou para dar sentido a um sintoma ou a uma dificuldade. Entretanto, se tivermos a coragem de olhar as coisas de frente, se tivermos a franqueza que faz com que não sejamos enganados pela racionalidade, seremos obrigados a reconhecer essa força inconsciente que determina o nosso pensamento e a nossa reação.

Vamos tomar um exemplo que nos diz respeito: uma mãe que aceitou ser barriga de aluguel para um casal estéril. No momento do nascimento da criança ela recusa-se a separar-se dela. Como nós não tivemos esta mulher em análise, não sabemos o que fez com que essa mulher mudasse de posição. Quer dizer, ela, uma "barriga de aluguel" para o feto de um casal, no momento do nascimento quis este filho. Nós colocamos uma hipótese, é apenas uma hipótese, de que neste momento o que funcionou para ela foi o que chamamos de desejo de filho e que talvez não estivesse presente no momento em que ela e o casal assinaram o contrato. Mas o que é certo, é que fazer um acordo com o casal demandador e desejar pôr um filho no mundo tinham status completamente diferentes. Então, o que estava em jogo eram mecanismos completamente diferentes, mecanismos que ela própria não esperava, os ignorava.

Esses mecanismos, estes processos, são aqueles do desejo inconsciente, do desejo de filho. Então o que essa mulher queria quando fez